

Rede Matas Secas (Sisbiota Brasil), Tropi-Dry e Niisa (Unimontes)

Felisa Anaya Mário Marcos do Espírito Santo

Felisa Anaya Mário Marcos do Espírito Santo Rômulo Soares Barbosa Daniel Coelho de Oliveira

Patrícia Angrisano

Flora Brasiliensis

[florabrasiliensis.cria.org.br]

Tania Anaya

Adriane Puresa

Luiza Morais Anaya

Vazanteiros em Movimento

Articulação Rosalino de Povos e Comunidades Tradicionais Centro de Agricultura Alternativa do Norte de Minas (CAA-NM) Comissão Pastoral da Terra do Norte de Minas (CPT-NM)

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Sisbiota/CNPq)

Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (Fapemig) Instituto Interamericano de Pesquisas em Mudanças Globais (IAI)





Niisa-Unimontes

Av. Dr. Rui Braga, s/n, Sala 120, prédio 1 Vila Mauricéia, Montes Claros, MG CEP:39.401-089 Tel: (38) 3229-8038

niisa.unimontes@gmail.com



O Niisa (Núcleo Interdisciplinar de Investigação Socioambiental), a Rede Colaborativa de Pesquisa Tropi-Dry e a Rede Matas Secas, vinculadas à Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), realizam pesquisas relacionadas às Matas Secas e seus povos desde o ano de 2006. Um dos esforços que orientam a forma de fazer ciência destes grupos é a ruptura com um tipo de visão que separa sociedade e natureza, bem como a compreensão de que o conhecimento e o saber se constroem na relação com as pessoas pesquisadas e que pesquisam.

Este trabalho deseja contribuir com a valorização das Matas Secas e dos habitantes que sempre mantiveram uma relação singular com ela e com outros biomas com os quais ela se mescla. Assim, apresentamos as principais características da fauna e flora existentes nas Matas Secas do norte de Minas Gerais e os modos de vida, saberes, práticas, culturas e histórias construídas pelos povos que ali habitam. Para esse primeiro volume selecionamos os povos quilombolas e comunidades tradicionais vazanteiras pesquisados por nós há vários anos. Grupos diversos que constituem importante patrimônio cultural ainda pouco conhecido e valorizado na região e que vêm protagonizando um movimento social singular na baixada do médio Rio São Francisco. São comunidades que resistem e lutam há várias gerações por seus territórios ancestrais e atualmente articulam criativa se de forma importantes movimentos sociais, conhecidos como Vazanteiros em Movimento e Articulação Rosalino.

Bem vindos ao maravilhoso mundo das Matas Secas e seus povos!







Organizadores Felisa Anaya e Mário Marcos do Espírito Santo













DE GENTES, PLANTAS e BICHOS:

Diversidade e conservação nas Matas Secas do norte de Minas



© - EDITORA UNIMONTES - 2014

Universidade Estadual de Montes Claros

REITOR Professor João dos Reis Canela

VICE-REITORA

Professora Maria Ivete Soares de Almeida

DIRETOR DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÕES

DIRETORA DA IMPRENSA UNIVERSITÁRIA

Eliane Ferreira da Silva

DIRETOR DA EDITORA UNIMONTES

Professor Antonio Alvimar Souza

REVISÃO LINGUÍSTICA:

Prof. Francisco Rodrigues Júnior

EDITORA UNIMONTES CONSELHO EDITORIAL

Prof. Silvio Guimarães – Medicina. Unimontes. Prof. Hercílio Mertelli - Odontologia. Unimontes. Prof. Humberto Guido - Filosofia. UFU. Profa Maria Geralda Almeida. UFG

Prof. Luis Jobim - UERJ. Prof. Manuel Sarmento - Minho - Portugal. Prof. Fernando Verdú Pascoal. Valencia - Espanha. Prof. Antônio Alvimar Souza - Unimontes Prof. Fernando Lolas Stepke. - Univ. Chile. Prof. José Geraldo de Freitas Drumond - Unimontes. Profa Rita de Cássia Silva Dionísio. Letras - Unimontes.

Profa Maisa Tavares de Souza Leite. Enfermagem - Unimontes. Profa Siomara A. Silva - Educação Física. UFOP. Prof. César Henrique de Queiroz Porto - História - Unimontes.

Prof. Duarte Nuno Pessoa Vieira - Portugal.

CATALOGADO PELA DIRETORIA DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÕES (DDI)

Anaya, Felisa Cançado.

A532d De gentes, plantas e bichos: Diversidade e conservação nas Matas Secas do norte de Minas / Felisa Cançado Anaya, Mário Marcos do Espírito Santo. - Montes Claros: Unimontes, 2014.

68p.: il.; 14x21 cm.

Inclui bibliografia. ISBN 978-85-7739-568-2

1. Sociedade. 2. Cultura - Norte de Minas. 3. Ambiente. 4. Território. I. Espírito Santo, Mário Marcos do. II. Título. III. Título: Diversidade e conservação nas Matas Secas do norte de Minas.

CDD 333.95

Este livro ou parte dele não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização escrita do Editor.

EDITORA UNIMONTES Campus Universitário Professor Darcy Ribeiro Montes Claros - Minas Gerais - Brasil CEP: 39.401-089 - CAIXA POSTAL: 126 www.unimontes.br editora@unimontes.br







Apresentação

O Niisa (Núcleo Interdisciplinar de Investigação Socioambiental), a Rede Colaborativa de Pesquisa Tropi-Dry e a Rede Matas Secas, vinculadas à Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), realizam pesquisas relacionadas às Matas Secas e seus Povos desde o ano de 2006. Um dos esforços que orientam a forma de fazer ciência destes grupos é a ruptura com um tipo de visão que separa sociedade e natureza, bem como a compreensão de que o conhecimento e o saber se constroem na relação com as pessoas pesquisadas e que pesquisam.

Neste sentido, surgiu a ideia de um sucinto guia-piloto de informações e pesquisa para jovens do ensino médio de escolas públicas das cidades às margens do rio São Francisco, no extremo norte de Minas Gerais. São municípios que possuem um tipo especial de formação florestal conhecida como Matas Secas, um espaço que abriga grande diversidade biológica, de povos e de comunidades tradicionais.

Assim, este guia tem como objetivo contribuir para a valorização dessa floresta e dos habitantes que sempre mantiveram uma relação singular com ela e com outros biomas com os quais ela se mescla. Frente à diversidade de comunidades vazanteiras, quilombolas, ribeirinhas e indígenas existentes na região, selecionamos para esse primeiro volume os povos quilombolas e comunidades tradicionais vazanteiras pesquisados pelo Niisa, Rede Matas Secas e Rede Tropi-Dry. São grupos sociais distintos que mantêm seus territórios situados em áreas de Matas Secas e vêm protagonizando importante movimento social na baixada do médio Rio São Francisco. São comunidades que resistem e lutam há várias gerações e atualmente se articulam de forma criativa a importantes movimentos sociais, conhecidos como Vazanteiros em Movimento e Articulação Rosalino. Cabe ressaltar que, dentre os diversos grupos vazanteiros, o enfoque deste livro será nas comunidades tradicionais vazanteiras de Pau Preto (Matias Cardoso), Pau de Légua (Manga e Matias Cardoso) e Quilombo da Lapinha (Matias Cardoso), com o objetivo de apresentar seus modos de vida, saberes, práticas, culturas e histórias.



Este guia apresenta textos construídos pelos pesquisadores do Niisa, Rede Matas Secas e Rede Tropi-Dry, a partir dos resultados empíricos e análises científicas realizadas por estes grupos. Traz questões para reflexão e se constitui em um instrumento informativo e de investigação para estimular a construção de conhecimento sobre o tema. Reúne esforços para a construção de um diálogo com disciplinas da biologia, da sociologia e da antropologia, cada vez mais necessário para se compreender as relações entre sociedade e natureza.

Este guia contém informações científicas e perguntas para estimular a pesquisa junto aos jovens da região, futuros pesquisadores. No final dele há algumas indicações de bibliografia sobre o tema e instituições que podem contribuir para o aprofundamento de suas pesquisas.

Boa leitura!

Professores Felisa Anaya, Mário Marcos do Espírito Santo, Rômulo Soares Barbosa e Daniel Coelho de Oliveira

Niisa-Unimontes / Tropi-Dry / Rede Matas Secas





Sumário

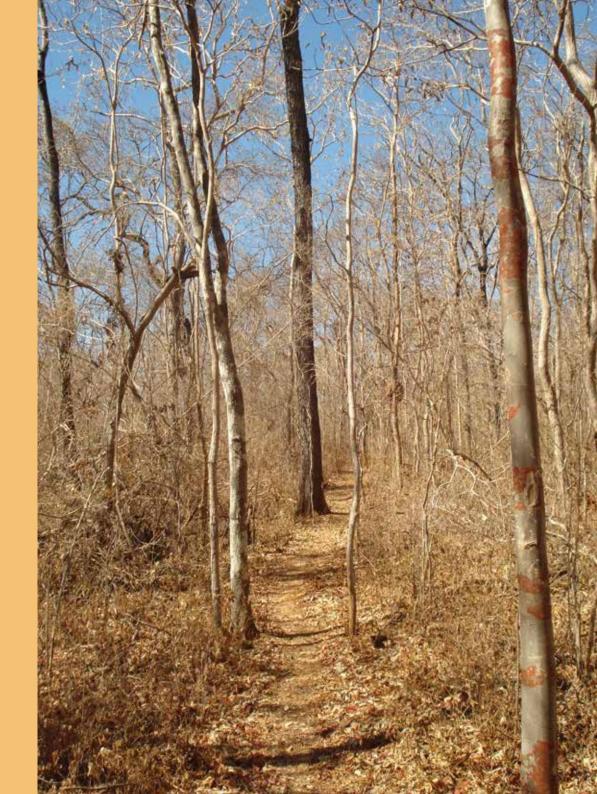
- 08 As Matas Secas
- 13 Definições
- 16 Os Bichos
- 18 Distribuição geográfica e o espaço social das Matas Secas
- 22 A natureza como um bem
- 27 As gentes: território e identidade
- 33 As comunidades vazanteiras da baixada do médio rio São Francisco
- 34 Os vazanteiros e suas tradições
- 38 Manutenção e uso da terra pelos vazanteiros
- 44 Os seres míticos do rio São Francisco
- 48 Festas e trocas culturais
- 50 A luta pela preservação dos territórios
- 58 Relação das imagens
- 60 Referências bibliográficas
- 62 Documentos
- 63 Outras referências
- 64 Sobre os autores

As Matas Secas

As Matas Secas são florestas bastante comuns mas, curiosamente, pouco conhecidas no Brasil. Geralmente, a mídia e mesmo os ambientalistas e os cientistas da área da ecologia estão mais interessados em florestas úmidas, como a Amazônica e a Mata Atlântica e, mais recentemente, nas formações savânicas, como o Cerrado. Assim, pouco se fala das Matas Secas nos noticiários, muito embora elas constituam um ecossistema muito importante que ocorre em diversas partes do Brasil e do mundo. Elas possuem grande diversidade de flora e de fauna e também servem de habitat e fonte de recursos para muitas populações humanas, principalmente nas regiões semiáridas do nosso país. Além disso, tem uma característica marcante que as diferenciam das florestas úmidas: perdem mais da metade de suas folhas na época seca do ano.

As imagens das páginas 9 e 11 mostram a Mata Seca em seu rápido processo de produção de folhas no início da estação chuvosa. A sequência das fotografias foi produzida em um período de 10 dias durante o mês de outubro.



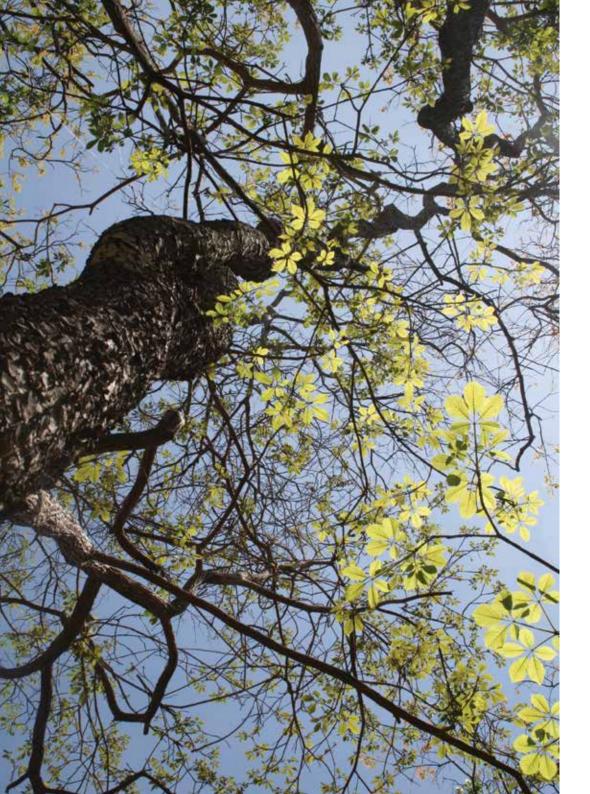


QUESTÕES PARA REFLETIR Como as plantas fazem para sobreviver sem folhas? Você pode imaginar por que isso acontece? E os animais que ali vivem? Do que se alimentam? E as pessoas? Como se adaptam a essas condições adversas?







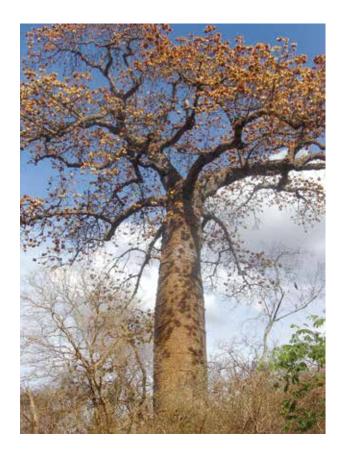


Definições

As Matas Secas têm várias denominações, o que acontece também com outros tipos de vegetação. Em escala global, elas são chamadas de Florestas Tropicais Secas e ocorrem em vários continentes. No Brasil, também são chamadas de Caatinga Arbórea, principalmente na região norte do país. O nome técnico utilizado pela maioria dos botânicos é Floresta Estacional Decidual, adotado também pelo Manual Técnico da Vegetação Brasileira (1992), do Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE). Neste livreto, usaremos "Matas Secas" como sinônimo de Floresta Estacional Decidual, seguindo a distribuição proposta no Mapa de Vegetação do Brasil, publicado pelo IBGE em 2004.

Algumas características bastante típicas das Matas Secas são formações florestais que podem chegar a 25-30 metros de altura, o que as difere da vegetação do Cerrado e da maior parte da Caatinga, que é predominantemente arbustiva. Veja algumas espécies de árvores características dessa floresta:





VOCÊ SABIA QUE a "barriguda" é denominada Embaré, em tupi-guarani? Seu nome científico é Cavanillesia arborea e pertence à família das Malváceas. Tem como característica o tronco grosso e ventrudo, devido à grande quantidade de água que armazena no período chuvoso. Tal capacidade de armazenamento permite sua sobrevivência durante todo o período da seca e ela pode atingir até 30 metros de altura e 7 metros de circunferência. Suas flores são polinizadas por morcegos e suas sementes servem de alimento a pássaros e pequenos mamíferos.

As Matas Secas prosperam em regiões de clima sazonal, ou seja, com estações chuvosa e seca bem marcadas (a "estacionalidade"). Durante a época seca, que geralmente dura de 6 a 8 meses, a vegetação perde mais de 50% das folhas (a "deciduidade"), voltando a produzi-las quando as chuvas recomeçam. Assim, elas se diferem das florestas semideciduais (como as matas ciliares no Cerrado e Caatinga), que perdem de 20 a 50% das folhas, e das florestas perenes (as matas úmidas de regiões costeiras, por exemplo), que perdem menos de 20% de sua folhagem na estação seca.



OUESTÕES PARA INVESTIGAÇÃO Investigue com pessoas próximas, em livros, revistas, internet e depois discuta com seus colegas e professores. 1- Em qual mês ocorre a perda de folhas das florestas de Matas Secas em seu município? Como é a temperatura nesta época? Quais animais e insetos aparecem com mais frequência? 2- Responda as mesmas questões para a época da estação chuvosa, quando ocorre a produção de novas folhas. 3- Liste outras espécies de árvores que existem no município onde você vive e que sejam das Matas Secas. Desenhe-as, descrevendo o tipo de tronco, de folhas, de casca, de flores, de frutos e o que mais achar interessante.



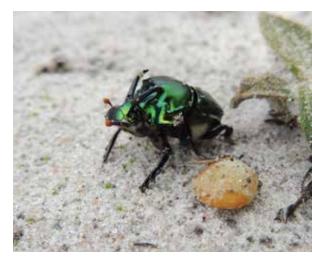
As Matas Secas geralmente se desenvolvem em áreas de transição entre o Cerrado e a Caatinga e sua fauna de vertebrados é muito semelhante à encontrada nesses dois biomas. Assim, apesar da alta diversidade de espécies desta fauna, o nível de endemismo (número de espécies que são exclusivas de um determinado local) é relativamente baixo. Os animais das Matas Secas não apresentam adaptações morfo-fisiológicas específicas para lidar com o longo período de estiagem, mas são observadas muitas adaptações comportamentais, como a migração para áreas mais úmidas, mudanças na dieta, maior gasto de tempo procurando alimento e ajustes do ciclo de vida à época de chuva.

Uma pergunta bastante interessante que tem orientado muitas pesquisas científicas é a seguinte: como os animais das Matas Secas lidam com a falta de alimento no longo período em que as plantas ficam sem folhas (4-6 meses, geralmente de maio-junho a outubro-novembro)? As plantas constituem a base de intrincadas teias alimentares: suas folhas e seiva servem de alimento para os animais herbívoros, geralmente insetos; que por sua vez serão alimento de vários vertebrados, como sapos, lagartos, aves e morcegos. Herbívoros de grande porte, como veados, servem de alimento a predadores no topo da cadeia alimentar, como a onça-pintada e a onça-parda. Os vertebrados terrestres são também a fonte de alimento de mosquitos hematófagos e de besouros rola-bosta, que se alimentam de



suas fezes. As plantas também fornecem aos animais néctar, pólen e frutos, cuja produção é altamente sazonal.

O que acontece com todas essas relações entre plantas e animais quando as Matas Secas estão sem folhas? A diversidade de vários organismos realmente diminui na época seca. É o caso de muitos insetos cuja a mobilidade é baixa, como lagartas, gafanhotos, mosquitos hematófagos e besouros rola-bosta, por exemplo. Antes do início da seca, esses insetos colocam ovos extremamente resistentes à dessecação, que gerarão as larvas e adultos da estação chuvosa do ano seguinte. No caso das aves e morcegos, não há grandes mudan-



ças na diversidade, uma vez que esses organismos têm alta capacidade de voo e podem buscar alimentos em outros locais, como matas ciliares de lagoas e rios nas regiões de Matas Secas. Algumas espécies mais susceptíveis à seca migram e desaparecem temporariamente, enquanto outras aumentam em abundância ou expandem sua área de busca por alimento. Entretanto, tanto aves como morcegos mudam sua dieta: as aves passam a comer uma maior proporção de formigas e cupins, que são os insetos disponíveis em maior abundância na época seca; já os morcegos, que antes comiam apenas frutas, passam a comer também insetos.

Uma expansão da área de busca pelo escasso alimento também ocorre em vertebrados de grande porte, como as onças, que podem sair de seu ambiente natural de Matas Secas e ser encontradas em propriedades rurais. Ali, esses predadores podem ocasionalmente atacar animais domésticos como porcos, gado e galinhas. Outro fator que contribui para isso é o desmatamento excessivo e a degradação dos ecossistemas naturais, que também podem levar várias espécies da fauna e da flora à extinção. A caça tradicional foi realizada durante várias gerações por pequenos agrupamentos familiares, em uma época em que os animais eram mais abundantes. Prática que garantia a esses grupos uma dieta diversificada que incluía animais como tatu, porco-do-mato, codorna, jacaré, veado e outros vertebrados. Entretanto, devido ao alto risco de extinção atual desses animais, a caça é proibida por lei.





Distribuição geográfica e o espaço social das Matas Secas

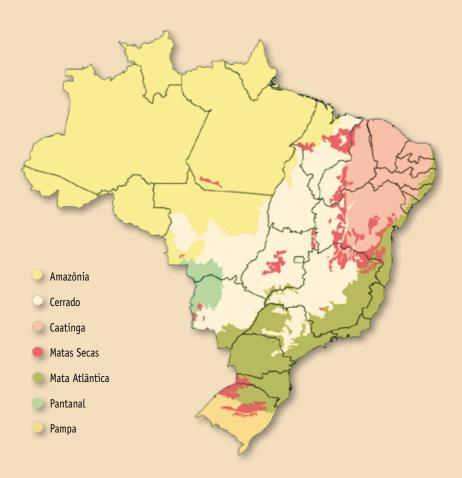


A distribuição das Matas Secas no mundo é extensa e elas ocorrem em praticamente toda a região tropical: são muito comuns na América Central e do Sul, também na África, Ásia e Oceania. Em escala global, representam 42% das florestas tropicais, o que indica sua importância para a biodiversidade do planeta. Estudos recentes indicam que 54,2% de sua extensão estão localizados na América do Sul. Do restante, 12,5% estão nas Américas do Norte e Central, 13,1% na África, 16,4% na Ásia Continental e 3,8% na Austrália e ilhas do Sudeste Asiático.

Apesar de se desenvolverem dentro de diversos biomas brasileiros, elas possuem várias espécies vegetais em comum com as florestas úmidas da Mata Atlântica. Por esse motivo, a Lei da Mata Atlântica (Lei Federal 11.428/2006 e Decreto Federal 6660/2008) considera as Matas Secas de todo o Brasil como pertencentes a esse bioma, o que lhes dá maior proteção legal.



No Brasil, as Matas Secas estão distribuídas em todas as regiões, de norte a sul. Entretanto, se concentram principalmente no interior do nordeste, no norte de Minas Gerais e em Goiás.



QUESTÕES PARA INVESTIGAÇÃO

1- Investigue se pessoas próximas a você conhecem a legislação que protege as Matas Secas e o que pensam sobre isso. Anote suas impressões e discuta com seus colegas e professores. 2- Você sabe quais são os principais biomas existentes no norte de Minas Gerais? Descreva-os. 3- Por que as Matas Secas são consideradas como pertencentes ao bioma Mata Atlântica? O que elas têm em comum com estas grandes florestas úmidas? 4- Consulte seus professores e liste com eles as possíveis consequências sociais e ambientais da supressão das Matas Secas em seu município.





A natureza como um bem

As Matas Secas são objeto de disputa entre diferentes grupos sociais que vivem no norte de Minas. Cada grupo carrega e defende suas próprias visões de mundo, de economia, de família, de sociedade e de ciência. Observa-se, então, três vertentes, três modos de valorizar e dar significado a esse ambiente:

- para um grupo trata-se de *natureza-mercadoria*, ou seja, recurso econômico a ser explorado;
- para outro, trata-se de *natureza-intocada* a ser preservada, inclusive sem as gentes que nela habitam e que com ela se relacionam;
- e para um terceiro grupo trata-se de patrimônio natural e cultural constantemente remodelado e produzido pelos diversos povos e comunidades tradicionais que com ela interaqem e dela dependem.

Se por um lado, as Matas Secas são consideradas pelo setor do agronegócio como um bem a ser explorado, por outro, os ambientalistas preservacionistas a consideram um bem a ser intocado. Já para as comunidades de vazanteiros, quilombolas e indígenas que ali vivem, o valor da natureza assume caráter completamente diferente: é um patrimônio, espaço de vida e pertencimento, no qual a identidade destes distintos grupos sociais é construída. Suas formas de utilização do ambiente se apresentam em sentido oposto à visão de grandes empresas rurais instaladas na região, que se apropriam da terra de forma individual, privada, visando a produção de *commodities* agrícolas, a exploração extensiva de pastagens para a criação de bovinos de corte e a derrubada das Matas Secas para o carvoejamento, com vistas ao abastecimento da indústria siderúrgica.

VOCÊ SABIA QUE a diversidade de madeiras nobres e o tipo de solo existentes nas Matas Secas da região do norte de Minas Gerais fizeram com que grandes segmentos agropecuaristas pressionassem o governo do Estado para retirá-las da proteção do Bioma da Mata Atlântica? A tentativa de incluí-las como parte do Bioma da Caatinga propiciaria sua exploração para carvoaria, agricultura e criação de gado extensiva para exportação. Pesquisadores das Matas Secas contribuíram com seus estudos científicos para que a lei que permitiria transformá-la em Caatinga fosse considerada inconstitucional, garantindo, assim, sua proteção.



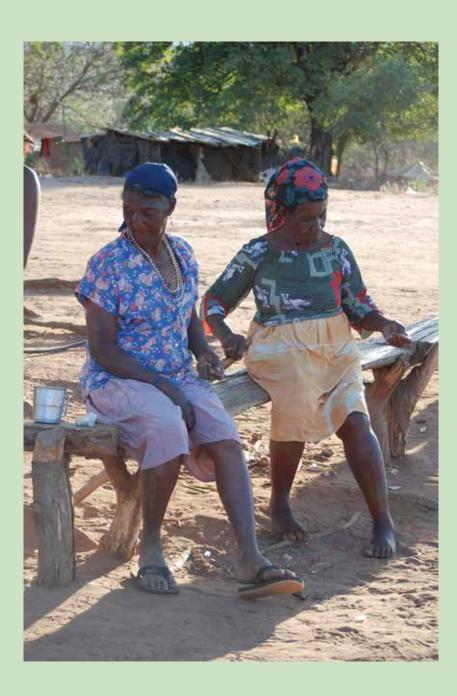




VOCÊ SABIA QUE o pivô (na fotografia abaixo) é um sistema de irrigação que gira em uma área circular? Em geral, são utilizados para regar grandes áreas, como no caso do Projeto Jaíba, cuja água é retirada do rio São Francisco para beneficiar monoculturas destinadas à exportação. Em alguns casos, além da água, ele é utilizado para a aplicação de inseticidas, fungicidas e fertilizates, que podem contaminar as plantações.







A apropriação dos ambientes realizada pelos povos e comunidades tradicionais da região se choca com a ideia de propriedade e exploração individual que estamos acostumados a ver. A terra é compreendida como um território de grupos familiares.

Dessa forma, as comunidades vazanteiras transformam os novos espaços desenhados pelo rio em vazantes, em terra de cultivo e de trabalho, diferentemente da terra de negócio ou da terra a ser intocada para parques. Pouco valorizada esteticamente em relação às grandes florestas úmidas, especialmente devido à perda das folhas no período seco, as Matas Secas recebem pouca atenção da sociedade em geral, que desconhece sua importância e beleza peculiar e se mantém pouco informada sobre seu status de proteção atual, que é fortemente contestado por representantes do agronegócio.

Gentes: território e identidade

O clima específico das Matas Secas possibilitou que uma diversidade de populações humanas se apropriasse e usasse esse ambiente também como espaço social. No Brasil, observa-se que a existência de estações seca e chuvosa bem demarcadas contribuiu para que diferentes gentes construíssem uma relação especial com essa formação vegetal e fossem protagonistas da



proteção da sua biodiversidade. Mais do que "um pedaço de terra" ou um "pedaço de chão", o território expressa a identidade dos diversos povos e comunidades tradicionais que dele se apropriam. Ele está associado às suas memórias, tradições, cultura, regras sociais e conhecimentos construídos coletivamente. É o meio necessário à reprodução social, cultural, religiosa e econômica destes grupos que o ocupam e utilizam seus recursos naturais de forma permanente ou temporária. De uma forma geral, o território dos distintos povos e comunidades tradicionais no Brasil se materializa nos Campos Abertos, nos Geraes, nas Chapadas, nas Serras, nos Sertões, no Mar, entre outros. São apropriados por indígenas, quilombolas, comunidades tradicionais vazanteiras, apanhadoras de flor sempre viva, seringueiros, castanheiros, quebradeiras-de-côco-babaçu, campeiros, geraizeiros, faxinalenses, veredeiros, ciganos, comunidades de fundo de pasto e outros.

A autoidentificação e o reconhecimento social de tais grupos se sustentam apoiados em suas identidades – a adaptação a um tipo de ecossistema, como os catingueiros; ou a um ofício, como as apanhadoras de flor sempre viva; ou uma etnia, como índios e quilombolas. Esses processos se constroem a partir da relação de pertencimento a um lugar de origem e pelo contraste entre os sujeitos considerados "de fora" e "de dentro".

"Proprietário é aquele que tem [o título da] terra [no nome] dele; só vão no rio para usufruir da água, nem plantam na vazante, nem gostam que chove. Mexem com irrigação, plantam banana, feijão e milho, plantam de acordo com o projeto que pegam. Plantam com gente contratada, plantam melancia ou qualquer outra coisa que dá dinheiro. E vazanteiro é aquele que trabalha nas vazantes da beira do rio, nos lameiros, nós só plantamos de água molhada pelo rio. Por isso chama vazanteiro, porque aproveita que o rio vazou, tomba a terra e planta. Quando o rio vai descendo a gente vai aproveitando e plantando alguma coisa."

ENTREVISTA concedida por vazanteiro da comunidade tradicional de Pau de Légua à Araújo (2009).

"De um lado você tem populações cuja racionalidade ambiental articula produção e natureza... Eles têm uma estratégia produtiva que os levou a aproveitar os potenciais ecossistêmicos. Por outro, você tem todo um processo produtivo na região que consome muita energia, produz muitos dejetos contaminantes do lençol freático, metal pesado, além dos agrotóxicos. E a gestão dos parques é muito conveniente. Aqui nós podemos produzir, aqui a gente preserva. Então, para poder preservar, as pessoas não podem viver, porque o homem é predador por natureza. Essa lógica não reconhece as diferentes racionalidades."

ENTREVISTA concedida por membro do Centro de Agricultura do Norte de Minas, 2008.



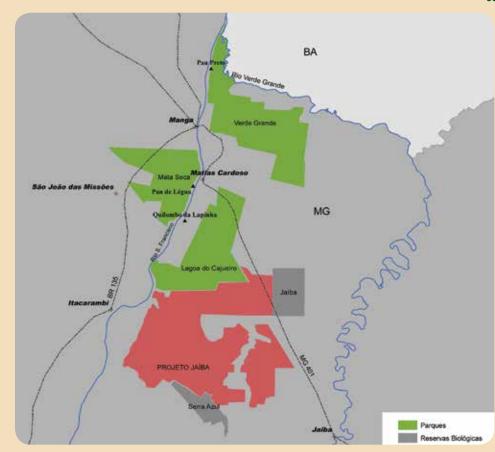


Assim, no norte de Minas existem os *geraizeiros*, vinculados ao ambiente dos Geraes, ou seja, aos planaltos, vales e encostas do Cerrado; os *catingueiros*, que habitam a Caatinga; os *veredeiros* ou gentes das veredas; os *chapadeiros* que vivem nas chapadas; os *campineiros* que vivem nas campinas; e os *vazanteiros* vinculados às áreas de vazante do rio São Francisco, que convivem com as Matas Secas ao longo do curso do rio.

No caso dos povos e comunidades tradicionais que habitam as Matas Secas do norte de Minas (indígenas, quilombolas e vazanteiros), estes encontram-se em importantes espaços de vida: as áreas próximas de rios, lagos e lagoas. Com histórias e culturas diferenciadas, eles desenvolveram tecnologias próprias de manejo da natureza, repassadas através de gerações e transmitidas pela tradição familiar. Também fazem o extrativismo de frutos e plantas medicinais, uma agricultura sazonal e rotativa em áreas de matas e várzeas, a criação de animais de grande porte "na solta", a pesca e a caça.

Com o objetivo de reconhecer e garantir os direitos territoriais, ambientais, sociais, econômicos e culturais dos diversos povos e comunidades tradicionais no Brasil, em 2007 o governo federal instituiu a *Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável de Povos e Comunidades Tradicionais*. Para acompanhar a implementação desta política, foi criada no ano anterior a Comissão Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, constituída por representantes de órgãos públicos do governo e lideranças destas populações. No estado de Minas Gerais existe uma diversidade de grupos tradicionais que vêm se articulando e assumindo representação política na Comissão Nacional dos Povos e Comunidades Tradicionais, dentre eles comunidades geraizeiras, ciganas e apanhadoras de flor sempre vivas.

Conforme colocado na apresentação deste guia, dentre os muitos povos e comunidades tradicionais, os vazanteiros e quilombolas da região do Jaíba, dos municípios de Matias Cardoso e Manga, serão objeto dos nossos estudos. Com seus territórios de Matas Secas melhor preservados, atualmente são integrados aos Parques Estaduais Lagoa do Cajueiro, Verde Grande e Mata Seca.



QUESTÃO PARA INVESTIGAÇÃO

Além de terem representante na Comissão Nacional dos Povos e Comunidades Tradicionais, os geraizeiros são também membros de duas organizações não governamentais (ONGs), conhecidas como Rede Cerrado e Centro de Agricultura Alternativa do Norte de Minas (CAA-NM). Investigue que tipo de trabalho é desenvolvido por estas duas entidades e quais suas contribuições junto às comunidades tradicionais da região.





PARA SABER MAIS

De acordo com o Decreto Federal no 6.040, de 7 de fevereiro de 2007, são considerados povos e comunidades tradicionais: grupos culturalmente diferenciados, que se autoidentificam como tais, uma vez que têm formas próprias de organização social, ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição.

QUESTÕES PARA INVESTIGAÇÃO

1- Procure identificar e localizar próximos a você, em seu município ou região, alguns povos indígenas, quilombolas e outras comunidades tradicionais que conheça ou já ouviu falar. 2 - Escolha e procure descrever o que mais você identifica nestes grupos como diferenciador em relação à sua cultura, história e modo de vida. Compare aos relatos de seus colegas e discuta com seus professores.

As comunidades vazanteiras da baixada do médio rio São Francisco

No norte de Minas Gerais, os vazanteiros são reconhecidos como populações que vivem das áreas inundáveis das margens do rio São Francisco. São comunidades identificadas historicamente por diversos pesquisadores como lameiras, varjeiras/varzeiras, ilheiras ou barranqueiras, têm uma relação de apropriação do ambiente de terras firmes (Matas Secas), dos rios, das lagoas e das vazantes (lameiros) bastante complexa e diversificada. A frequente mobilidade das ilhas onde vivem, constantemente remodeladas a cada nova cheia e baixa do rio São Francisco, cunhou aos vazanteiros a autodenominação de "povos das áquas e terras crescentes".

Eles se vinculam a um território comum, não à propriedade individual da terra. Os sentidos atribuídos ao ambiente pelos vazanteiros traduzem uma relação que não separa o lugar onde vivem, sua cultura, a natureza que produzem e a identidade que os constitui. Esta última é associada ao seu ambiente natural: as vazantes. Elas se constituem não somente como fragmento de seu ambiente natural, mas também como uma importante tecnologia de produção da natureza, repassada por gerações.



Os vazanteiros e suas tradições

Um vazanteiro se reconhece identitariamente enquanto um porque seu modo de vida é reafirmado na lida diária com as vazantes e nos saberes construídos sobre elas. Principalmente nos períodos de seca, quando o rio vaza e deixa a terra fértil para cultivo, uma diversidade de alimentos são plantados de acordo com a cor, a textura e o cheiro da lama que ali é depositada.

A mudança constante das ilhas, que "crescem" ora em um lugar, ora em outro, faz com que o local de trabalho nas vazantes seja móvel. É o ir e vir das águas e sua dinâmica das cheias e baixas que faz com que os vazanteiros sejam identificados pelos "de fora" como "as gentes do rio". É o que lhes permite converter ilhas, beira-rio e terras altas em lugares de moradia e trabalho.

"... uma ilha nunca é a mesma no ano seguinte. Assim como ela aqui se forma, ela também desaparece e ressurge acolá, dependente que é da cheia. Se o rio toma uma terra aqui, ali ele a devolve, e ela cresce renovada, por isso 'crescente'."

CARTA-MANIFESTO dos vazanteiros, Ilha da Ingazeira, de maio de 2006.

QUESTÕES PARA INVESTIGAÇÃO 1- No seu município existem muitas comunidades vazanteiras. Procure investigar com elas como é a prática de plantar nas vazantes. Descreva quais são as épocas de plantio, como o realizam, que tipo de alimento produzem e como aprenderam essa tradição. 2- Observe as ilhas vazanteiras e as desenhe. Pergunte a um(a) vazanteiro(a) como é viver entre as baixas e as cheias do rio São Francisco.





Esta relação identitária com as águas do São Francisco faz com que este rio seja dotado de "vontades próprias", um parceiro que deve ser respeitado por suas decisões. Pois, ao mesmo tempo que as grandes cheias "tomam" as moradias dos vazanteiros, por outro lado, sempre trazem a possibilidade de renovação de uma terra fértil para plantio, com maior vitalidade, sinalizando um ano com colheita farta e espaço para trabalho.

Tais enchentes se tornaram referências importantes na história de vida das comunidades, associadas tanto a episódios de sofrimento e perdas materiais (casas, criações) quanto ao aumento das possibilidades das colheitas, ao aumento de suprimento de peixes para os que vivem da pesca ou fazem dela um complemento de seu meio de vida. São histórias de relações recíprocas.

É esta "generosidade" do sistema vazanteiro de vida que possibilita o retorno a terra expropriada e a ajuda mútua entre flagelados. No que se refere à oportunidade de reterritorialização, comum entre estes grupos sociais, o regresso às ilhas e beira-rio demonstra o vínculo territorial e o sentimento de pertencimento dessas coletividades, que em sua maioria não possuem títulos de terra, ficando, assim, mais vulneráveis às perdas territoriais e grilagem de terras.

Neste contexto, a mobilidade deste território possibilitou aos vazanteiros a construção de um sistema de "direitos combinados", expressos pela apropriação e acesso coletivo aos recursos naturais, baseados no uso gerado pelo trabalho, em oposição aos direitos de propriedade gerados pela compra, por dinheiro. O acolhimento dos "de fora", a maioria nordestinos desafortunados que migravam pelo rio em busca de melhores condições de vida, é um costume característico dos grupos vazanteiros da região. Com relações de solidariedade estabelecidas historicamente com famílias necessitadas, é comum a ajuda e inclusão no grupo daqueles que aderem ao modo de vida e regras sociais vazanteiras.

Assim, a lógica preponderante de apropriação do território combina com a coerência prevalente dos povos e comunidades tradicionais: são de caráter consensual e baseadas nos costumes ou no "sistema do lugar". Diretriz herdeira ainda do regime fundiário das sesmarias que mudou no Brasil, com a Lei de Terras de 1850, mas que permanece norteando as concepções de direito à terra até hoje para os vazanteiros, em que prevalece a separação do domínio em relação à posse. Ou seja, o direito de propriedade sobre a terra é reconhecido após sua ocupação com o trabalho desenvolvido, portanto, é gerado como fruto do trabalho.

"Nós somos Raízes, sem isso aqui eu sou peixe fora d'água."

ENTREVISTA concedida por morador de Pau de Légua, 2010. Missão CDPH.



40



Manutenção e uso da terra pelos vazanteiros

Apesar das vazantes serem a "grande tradição", o território vazanteiro é muito mais amplo e complexo, pois é composto também por terras firmes ou altas, beira rio, lagoas e ilhas. As vazantes são o elemento cultural diferenciador desses grupos em relação a outras comunidades tradicionais da região, como os catingueiros e geraizeiros, que exercem também o seu manejo, porém não as têm como elemento distintivo.

"Aproveitamos a boa vontade do rio e fomos voltando."

ENTREVISTA concedida por vazanteiro de Pau Preto referente à enchente de 1979, quando retornaram ao território expropriado por fazendeiros da região (2012).



"As vazantes são a grande tradição. Porque a lavoura mais certa aqui é a vazante. A chuva falha, né? Tem anos bons e anos ruins. Quando a gente perde da chuva a gente ganha da vazante"

ENTREVISTA concedida por morador de Pau Preto, 2009.



"Vazanteiro é vazanteiro porque vive da vazante. É o vazanteiro-quilombola, o vazanteiro--pescador..."

ENTREVISTA com moradora de Quilombo da Lapinha. Encontro da Ilha da Ressaca, 2008.

"Nós já temos a tradição da vazante. A terra firme é boa, nos ajuda porque na época das águas os rios estão cheios e nós não temos a vazante. Então, nós temos que trabalhar na terra firme. Porque senão nós vamos trabalhar seis meses e ficar seis parado. A produção do alto, talvez não vai dar pra manter a gente nas águas; então, a nossa tradição usa a terra duas vezes e tem o sustento duas vezes ao ano. Então, por isso, nós consideramos que a tradição é devido a gente já ter aquela convivência ali. Por isso a gente acha que é boa, a tradição nossa".

ENTREVISTA concedida por morador de Pau Preto, 2009.

Além do acesso singular às terras de vazante, fertilizadas pelo rio ou lagoas que depositam ali matéria orgânica ou 'lameiro', outras formas de apropriação do ambiente e uso dos seus recursos naturais são realizadas pelos vazanteiros, como: a prática da pesca, da caça e da criação de gado e animais de pequeno porte "na solta", o que sempre garantiu a esses grupos farto suprimento e possibilidade de trocas econômicas durante todo o



ano. Neste contexto, está também a prática da agricultura de sequeiro, muito comum em regiões com pouca chuva e marcada por um regime agrário coletivo e familiar, conforme as regras sociais de cada grupo. Ao contrário da plantação no lameiro, a agricultura de sequeiro é realizada em solo firme, através de um tipo de roçado que requer um cuidado no corte e no manuseio das matas.

Um exemplo pode ser observado na agricultura realizada pelos vazanteiros da Ilha de Pau de Légua,

no município de Manga, MG, em que os núcleos familiares praticavam um tipo de roçado que permitia somente o corte de arbustos finos e de pequeno porte da vegetação nativa das Matas Secas para dar lugar ao plantio de alimentos como mandioca, tomate e milho. A roça era entremeada de árvores de grande porte como barrigudas, aroeiras e braúnas. Essa agricultura tem sido realizada atualmente de forma precária e reduzida a seus quintais, devido à criação do Parque Estadual da Mata Seca, em 2001, sobre seus territórios tradicionais.

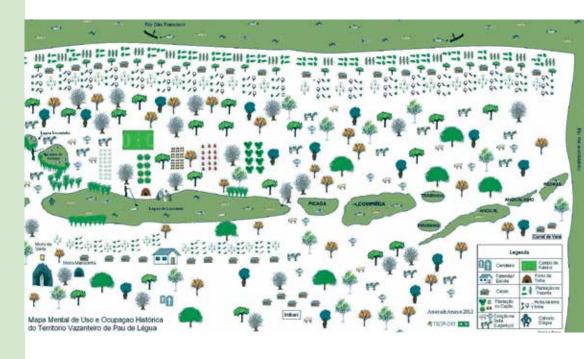
Tal modo de uso do ambiente é também observado nas práticas de agricultura dos vazanteiros do Quilombo da Lapinha (Matias Cardoso, MG), chamado por estes de "corte escolhido", ou como seus antepassados diziam, "roça de toco": uma forma de plantio itinerante realizado por povos indígenas e incorporado às práticas dos quilombolas e vazanteiros

da região. Assim, permitiu-se a recuperação da vegetação e a manutenção da umidade do solo necessária nestas regiões de clima imprevisível.

A prática do plantio da roça de toco também é observada nas comunidades vazanteiras de Pau Preto (Matias Cardoso/MG), cujo uso extensivo e alternado dos agroambientes é considerado prática essencial à recuperação da vegetação e à manutenção de sua diversidade. Estudos recentes indicaram que os quintais das comunidades vazanteiras de Pau Preto, mesmo



estabelecidos em um ambiente instável e dinâmico, apresentam uma composição de alta diversidade de espécies nativas, incluindo espécies ameaçadas de extinção em escala nacional e estadual, como a Aroeira (*Myracrodruon urundeuva*) e a Quixabeira (*Sideroxylon obtusifolium*). Mescladas às suas roças ainda encontram-se o Anqico (*Anadenanthera colu-*



brina), o Ipê Amarelo (*Tabebuia* sp.), o Imbiruçu (*Pseudobombax longiflorum*), a Imburana (*Commiphora leptophloeus*) e, principalmente, indivíduos muito desenvolvidos da Embaré (*Cavanillesia arborea*).

Além da roça de toco, outra forma de uso do ambiente praticada pelos quilombolas da Lapinha era a produção por meio da agricultura de furado. Tal prática é adequada à produção de alimentos, própria para o clima semiárido e se constitui em uma técnica de manejo em rochas calcárias repassada pelos ancestrais negros da Lapinha, fugidos da escravidão e aquilombados no interior das Matas Secas. Identificado tecnicamente como dolina, o furado é uma depressão em áreas de relevo cárstico formada por dissolução química de rochas calcárias abaixo da superfície. É geralmente circular, raso e inundado por água de pequenas lagoas ou da chuva. Quando seco se torna rico em sedimentos e seu cultivo pelos núcleos familiares inclui o plantio de feijão, abóbora, quiabo, milho, melancia, maxixe, dentre outras variedades hortícolas. É comum no território quilombola da Lapinha que cada furado seja reconhecido pelo nome da família ou de seu dono, como o furado do Zé Osório, furado da Jurema, furado do Chicote ou furado Sambaíba.

QUESTÕES PARA INVESTIGAÇÃO

1-Como você deve ter observado na página anterior, para compreender as formas de apropriação da natureza realizada pelos vazanteiros, utilizamos de uma técnica investigativa da antropologia conhecida como "mapas mentais". Este tipo de técnica nos ajuda a visualizar suas práticas, suas histórias, seu modo e espaço de vida, entre outras coisas compartilhadas na memória do grupo. Utilizando da mesma técnica, procure fazer o mapa mental do lugar onde vive, ressaltando os principais marcos que você considera importantes. Leve para sua sala de aula, compare com seus colegas e discuta com eles e com os professores.

"Nós temos amor a isso aqui. Isso aqui é um pai e uma mãe para quem tem coragem."

ENTREVISTA concedida por um vazanteiro da Ilha de Jenipapo. V Encontro Vazanteiros em Movimento, 16 de setembro de 2010.



Os seres míticos do rio São Francisco

As apropriações materiais da natureza realizadas pelos grupos vazanteiros são fortemente marcadas pela visão de mundo e simbolismo que orientam suas relações com o ambiente. Assim, as histórias dos seres míticos, além de transmitirem saberes e fazeres em um contexto sociocultural, os auxilia num processo de simbolização de regras e valores dos grupos em relação à natureza. Ou seja, ao compartilharem seu cotidiano com os "seres encantados", como os "caboclos d'água", "mãe d'água", "gritador" e outros tipos de visagens, constroem de forma paralela um sistema de representações que servem como referencial para agirem sobre o lugar, servindo à manutenção e ao uso sustentado dos ecossistemas naturais. É assim que, com características de uma criança travessa, o caboclo d'água é para os vazanteiros uma entidade brincalhona, cheia de vontades e com poder de casti-

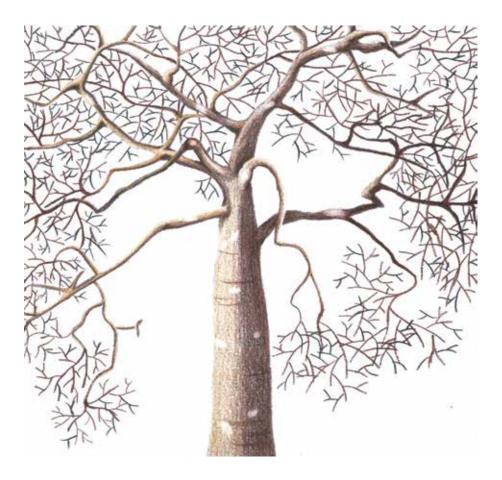
gar ou de recompensar as pessoas, com força para modificar a natureza, como as águas do rio e lagoas.

Sentimentos humanos como raiva, alegria, bondade e maldade fazem parte do íntimo destes seres encantados, que com seus poderes mágicos mantinham pescado-



res "de fora" distantes das lagoas, recompensavam aqueles que respeitassem as regras de pesca, brincavam com crianças e mulheres e castigavam aqueles que com eles se metiam.

A atual descrença no caboclo d'água é interpretada por alguns vazanteiros como uma ausência justificada pelo assoreamento do rio São Francisco e a consequente diminuição da vazão de água para as lagoas. Assim como pelo barulho dos atuais barcos a motor, que substituíram as antigas canoas, levando os caboclinhos a migrarem para outras localidades ou estados, como a Bahia.



"Não sei dizer ao certo. É um encanto que faz gritos e ventania".

"Todos os dias, lá pelas sete da manhã, saía do Morro Malhadinha uma bolinha de ouro que ia crescendo, crescendo e viajando no ar. Um dia estava pescando eu mais um amigo, e essa bolinha veio rodando, rodando e caiu nas rochas perto da lagoa onde a gente tava pescando. Causou um estrondo tão grande que clareou toda a lagoa e a gente caiu dentro do barco sem saber o que fazer".

ENTREVISTAS concedidas durante oficinas para realização de Mapas Mentais, vazanteiros-quilombolas da Lapinha e de Pau de Légua, 2010.

Outros seres e histórias são relatados, como o "lobisomem", a "mula sem cabeça" e um tipo de encanto na mata atribuído às entidades como o "saci pererê" ou o "pai da mata". São criaturas que aparecem principalmente durante o período da quaresma.

Existem outras histórias míticas importantes que fazem parte do universo dos vazanteiros, como a da "bolinha de ouro" e a do "gritador".



O "gritador" é uma entidade fantástica, compartilhada por ribeirinhos do rio São Francisco, que faz referência à alma de um vaqueiro que resolveu trabalhar durante a Sexta-Feira da Paixão. Arreou um animal e saiu pelo pasto campeando o gado que seu patrão pretendia reunir naquele final de semana. Depois disso nunca mais foi visto, nem ele, nem o cavalo, nem mesmo o cachorro que o acompanhava. O povo do lugar garante que o moço foi castigado pelo desrespeito cometido no dia santificado e, por isso, virou a assombração que hoje vive gritando no mato, tocando uma boiada tão assombrada quanto ele.





"Antigamente ele carregava barco de gente pra longe, a única lagoa que tinha aqui era essa, mas ele era morador do rio. Agora o rio arriou e tem muitos anos aí que eles desceram pro lado da Bahia. É porque baixou o rio, num tem lugar pra eles morar mais não (...) porque tem muito motor"

"Essa lagoa praticamente deveria ser encantada, porque se chegasse uma pessoa estranha e conversasse, ela estava quietinha e daqui a pouco começava a virar. É porque aqui tinha muito caboclinho d'água; era isso que fazia a lagoa revirar, eram eles, a lagoa ficava brava mesmo. Os caboclos d'água parecem criança né, tudo pequenininho, mas se eles cismassem com uma pessoa, ele abria um buraco na terra e vinha e afundava a casa da pessoa. Já chegou a afundar casa de gente aí".

"André era um velho muito ignorante. Ele viu uma pessoa no porto dele e deu um tiro com espingarda. Daí o bichinho implicou com ele. O caboclo foi cavando por baixo da terra, cavando, cavando, até derrubar a casa de André. No lugar ficou o sangrador. Aí André foi obrigado a se mudar para a Venda".

DEPOIMENTOS feitos durante oficinas para realização de Mapas Mentais, vazanteiros de Pau de Légua e Pau Preto, 2010.

QUESTÕES PARA INVESTIGAÇÃO

1-E você? Qual história de seres encantados conhece? Pergunte aos mais velhos quem são estes seres e como fazem parte da vida na comunidade onde vivem.

Festas e trocas culturais

Os dias santificados também eram momentos de lazer na vida dos vazanteiros. As festas se constituíam em um importante momento que possibilitava o estreitamento dos vínculos entre diversas comunidades vazanteiras, quilombolas e indígenas.

O batuque e o samba de roda, característicos dos quilombos do norte de Minas Gerais, são muito apreciados nas festividades do Quilombo da Lapinha e compartilhados com outras comunidades vazanteiras com as quais mantém relações, principalmente Pau Preto e Pau de Légua. O batuque, expressão tradicional de grupos negros, consiste na percussão de tambores e na dança realizada sempre em pares. É utilizado em momentos religiosos, festivos e de luta. As belas roupas que as mulheres usam são típicas da comunidade, com blusa e saia de chitão até o joelho, confeccionadas por elas mesmas.

Os festejos de São Sebastião, no dia 10 de janeiro, são realizados há mais de 100 anos. Segundo os moradores, antigamente também havia as festas do Divino Espírito Santo e de Nossa Senhora do Rosário. A festa de Reis era tradicional. Recordam que o terno de Folia de Reis, que havia na Lapinha, iniciava o périplo de casa em casa no dia 25 de dezembro e ia até o dia 06 de janeiro.







A luta pela preservação dos territórios

Atualmente o ordenamento territorial hegemônico das regiões de Matas Secas, no norte Minas, privilegia a expansão da agricultura irrigada e da pecuária extensiva e em larga escala para a exportação. Por outro lado, há diversas iniciativas de criação de *Unidades de Proteção Integral* como compensação ambiental à destruição da biodiversidade por grandes projetos agroindustriais. Isto implica em restrições ao desenvolvimento de formas comunitárias e sustentáveis de apropriação da natureza, como as realizadas pelos Povos e Comunidades Tradicionais. Assim, conflitos ambientais se deflagram, revelando a sobreposição de lógicas territoriais que redefinirão as formas de apropriação dos vários ambientes no país.



Com o objetivo de contextualizar as atuais transformações da paisagem socionatural e econômica da região, é necessário situarmos a implementação das políticas de modernização do campo e agroindustrialização, nas décadas de 1960/70. Políticas que incentivaram a ocupação do interior do Brasil, promovendo a apropriação desses espaços por grandes empreendimentos capitalistas. Uma das consequências foi o avanço destes empreendimentos sobre os territórios de várias comunidades tradicionais, seja pela construção de linhas férreas e rodovias, implementação de programas de irrigação para monocultura, pecuária extensiva, barragens e

hidrelétricas. Um exemplo foi a implementação do projeto de fruticultura irrigada Jaíba, reconhecido como o maior perímetro irrigado da América Latina, que desmatou extensa área de Matas Secas nativas nos municípios de Jaíba e Matias Cardoso.

A implementação do Projeto Jaíba e o processo de regularização fundiária contribuiu para a expropriação dos remanescentes do Quilombo da Lapinha e a concentração de terras e renda nas mãos de grandes empresas vinculadas ao agronegócio. O desmatamento de Matas Secas realizado pelo projeto trouxe degradação ao ambiente e seus impactos recaíram de forma desproporcional sobre determinados grupos, como vazanteiros e quilombolas. As políticas compensatórias destes impactos impuseram a instalação de unidades de conservação (parques estaduais, reservas biológicas e áreas de proteção ambiental) sobrepostos aos territórios tradicionais destas populações, que se encontram historicamente estabelecidas na região. Tal situação pode ser associada ao que alquns grupos ambientalistas

entendem por "Racismo Ambiental", ou seja, cenários de injustiças sociais e ambientais que recaem de forma desproporcional sobre uma multiplicidade de grupos minoritários, principalmente pobres, negros e grupos étnicos menos organizados politicamente. "Nós não somos contra o parque. Mas queremos viver lá" (V Encontro Vazanteiros em Movimento, ilha de Jenipapo, 2010). Ao terem seus modos de vida diretamente dependentes das condições naturais das Matas Secas, os vazanteiros reivindicam outras formas de proteção ambiental que conjuguem preservação da biodiversidade e produção e reprodução deles em seus espaços de vida. São projetos de Reserva de Desenvolvimento Sustentável, Reservas Agroextrativistas, Assentamentos Rurais Agroextrativistas, dentre outros.



Os vazanteiros vêm realizando parcerias com organizações não governamentais e universidades que articulam suas práticas tradicionais e técnicas agroecológicas de conservação, construindo projetos que aliam conservação e cultura.

Nesse contexto, ressalta-se as experiências de "florestas comunitárias", envolvendo grupos locais como formas bem-sucedidas de proteção e conservação dos recursos naturais. Constata-se que as múltiplas atividades de subsistência das comunidades não são incompatíveis com a conservação da diversidade biológica. Muitas pesquisas demonstram que, sob certas condições, a participação comunitária no manejo dos recursos naturais pode ajudar a manter e até mesmo aumentar a diversidade biológica dentro e ao redor das áreas protegidas. Daí a importância de reconhecer que a diversidade cultural destes grupos e as relações diferenciadas que eles mantêm com a natureza são estratégias fundamentais na conservação e manutenção da biodiversidade de seus territórios.

Neste contexto, frente à expropriação territorial, muitos povos e comunidades tradicionais vêm se mobilizando e se articulando em defesa de seus territórios. Tais grupos étnicos e de camponeses, identificados por Almeida (2008) como "movimentos de territorialização", resistem ao modelo desenvolvimentista, intitulado: de "desenvolvimento sustentável". Estes movimentos buscam garantir a permanência dos povos e comunidades tradicionais em seus territórios e a manutenção dos processos ecológicos ancorada na tradição de suas práticas. Dessa forma constituem-se em redes sociais que reivindicam o reconhecimento de suas diferenças culturais e ecológicas vinculadas à defesa de seus territórios. São índios, quebradeiras de côco babaçu, ribeirinhos, castanheiros, quilombolas, vazanteiros,

entre muitos outros grupos.

QUESTÕES PARA INVESTIGAÇÃO

1- Investigue quantas unidades de conservação existem em seu município e quais suas categorias (se de proteção integral ou de uso sustentável). Qual a dimensão delas em hectares? Quantas destas unidades são Reservas de Desenvolvimento Sustentável ou Reservas Agroextrativistas? Existem Assentamentos Rurais Agroextrativistas? Qual a dimensão deles em hectares? Há quantas famílias assentadas nestas unidades?

Tal fenômeno social é semelhante ao que vem sendo observado nas Matas Secas da região do Jaíba através dos "Vazanteiros em Movimento". Esta articulação política realizada pelas comunidades da baixada do médio rio São Francisco, com destaque para as de Pau Preto, Pau de Légua e Quilombo da Lapinha, que têm seus territórios tradicionais sobrepostos pelos Parques Estaduais Verde Grande, Mata Seca e Lagoa do Cajueiro, respectivamente.

"Uma proposta que vai ajudar a preservar as lagoas, que vai ajudar na reprodução dos peixes, que vai ajudar os animais silvestres viverem e que vai garantir o nosso sustento, o sustento de nossos filhos. E que vai manter a nossa cultura, o nosso jeito de viver. E que vai contribuir com a vida do São Francisco, vida que está dependendo muito de quem cuida dele melhor."

CARTA-PROPOSTA dos vazanteiros da ilha de Pau de Légua: povos das águas e das terrascrescentes do São Francisco, 2010.



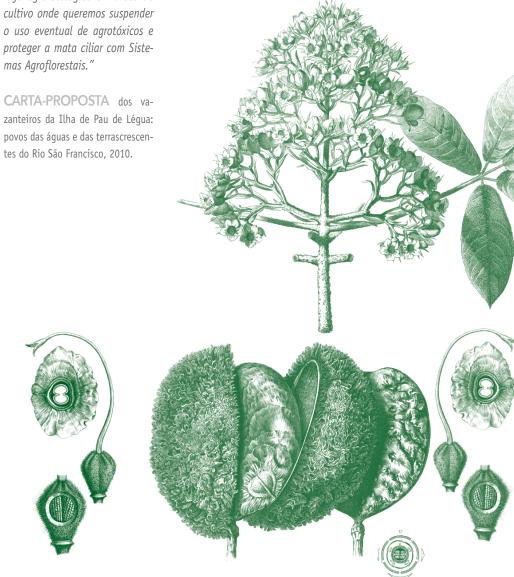


Inspirados na luta de outros movimentos sociais da região como "movimento geraizeiro", "movimento quilombola" e "movimento indígena", eles vêm realizando trocas de saberes, de experiências e de valores socioambientais que orientam suas ações coletivas. Frente às dificuldades de negociação com o Estado na conversão do Parque Estadual Verde Grande em uma Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS), localizada no território de Pau Preto, foi realizada uma ação coletiva coordenada, através dos "Vazanteiros em Movimento", no dia 24 de julho de 2011, de retomada territorial e implementação da RDS. Diante das inúmeras denúncias de extração de madeira e mortalidade de peixes identificadas pelos vazanteiros em seus territórios-parques, estes se mobilizaram e criaram sua RDS com o objetivo de "zelar pelo que é nosso" (fala de liderança vazanteira de Pau Preto, 2011).

Neste contexto, emerge nova aliança entre os povos através da Articulação Rosalino. Batizado com o nome do cacique Xacriabá Rosalino Gomes de Oliveira, assassinado por fazendeiros da região em 1987, o movimento tem nele inspiração de luta para os demais povos e comunidades tradicionais da região do norte de Minas Gerais. Desde os anos 2000, os Xacriabá vêm realizando retomadas territoriais que dizem respeito a um terço de território ainda não delimitado pela Funai (Fundação Nacional do Índio), constado na carta de doação, de 1728, registrada no cartório de Morrinhos (Matias Cardoso).

"Para viabilizar estas propostas já estamos fazendo diversas experiências. Já fizemos visitas de intercâmbio em áreas de assentamentos agro-extrativistas, já estamos fazendo cursos de manejo agro-ecológico em áreas de cultivo onde queremos suspender o uso eventual de agrotóxicos e proteger a mata ciliar com Sistemas Agroflorestais."

CARTA-PROPOSTA dos vazanteiros da Ilha de Pau de Légua: povos das águas e das terrascrescen-





Assim, a Articulação Rosalino reúne a nação indígena Xacriabá, geraizeiros, vazanteiros, catingueiros, veredeiros e quilombolas. Atualmente, esse movimento vem se expandindo e apoiando as lutas territoriais ao longo do estado de Minas Gerais, incorporando outros povos e comunidades tradicionais da Serra do Espinhaço, como quilombolas e apanhadoras de flor sempre vivas.

Observa-se um singular fenômeno social de composição política entre os povos e comunidades tradicionais em Minas Gerais, que vêm se unificando de forma inédita na busca pela reapropriação e manutenção de seus territórios ancestrais. Eles resistem e fazem frente aos diversos empreendimentos de base capitalista estabelecidos no norte do estado.

Para concluir: As Matas Secas brasileiras precisam urgentemente de maior divulgação da sua diversidade social, cultural e biológica. Esperamos ter dado um pontapé inicial com esse livro, que utilizou as Matas Secas do norte de Minas Gerais como um estudo de caso. Apesar das particularidades regionais, muitos dos processos históricos, sociais, econômicos e ecológicos aqui descritos são comuns às Matas Secas de outras regiões do Brasil e também de outras formações vegetais, como o Cerrado. Há sérias ameaças à integridade cultural dos povos que habitam as Matas Secas e às espécies da flora e da fauna dessas

florestas. O desmatamento excessivo causado pelo agronegócio compromete todo o funcionamento desses frágeis ecossistemas, com sérias consequências para os recursos naturais dos quais os povos e comunidades tradicionais da região dependem para sua sobrevivência. Diante de interesses econômicos prevalentes neste ambiente, colocamos em questão que a proteção da biodiversidade implica, necessariamente, no reconhecimento e na valorização dos grupos sociais que estabeleceram formas de uso sustentável com estas florestas. Reconhecimento que deve problematizar o modelo hegemônico de criação de áreas protegidas como medida compensatória às barragens, à mineração, à monocultura, a grandes projetos de irrigação, entre outros, assim como o modo de produção insustentável de base capitalista. A ideia de "natureza intocada", ao tentar preservar fragmentos ainda não apropriados pelo agronegócio, tem contribuído para o aumento de conflitos ambientais em todo o país, uma vez que não considera os sujeitos do lugar e suas relações construídas com ele. A dificuldade de recategorização de unidades de conservação de proteção integral para uso sustentável e a constante criminalização das práticas agroambientais das comunidades tradicionais pelas agências governamentais tem criado um cenário de forte injustiça ambiental nas Matas Secas do norte de Minas. É necessário pensar em maneiras mais justas de uso sustentável dos recursos naturais, que evitem a separação do ambiente entre espaços de produção econômica intensiva e espaços de preservação integral, divisão que desestrutura as relações indissociáveis entre o homem e a natureza.



Relação das imagens

- **Pág. 04**: Vazanteiros da comunidade Pau Preto caminhando em direção à ilha da Ressaca no Quilombo da Lapinha. Foto: F. Anaya, 2006.
- Pág. 05: Flora Brasiliensis: ramo de aroeira em flor (Myracrodruon urundeuva).
- Pág. 06: Mapa: Encurralamento, Elisa C. Araújo, 2009 + desenho: cacto, P. Angrisano.
- Pág. 07: Flora Brasiliensis: ramo seco de aroeira (Myracrodruon urundeuva).
- Pág. 08: Desenho a lápis de cor: pássaro, P. Angrisano.
- Pág. 10: Desenho a lápis de cor; calango, P. Angrisano.
- **Pág. 11 e 13**: A Mata Seca em seu rápido processo de produção de folhas no início da estação chuvosa. Foto: Cleandson Ferreira Santos, 2011.
- **Pág. 12**: Vazanteira do Quilombo da Lapinha colhendo milho na Ilha da Ressaca. Foto: Felisa Anaya, 2009 + exemplar da *Flora Brasiliensis*.
- Pág. 14: Ipê Amarelo (*Tabebuia* sp.). Foto de Patrícia de Abreu Moreira.
- **Pág. 15**: Aroeira (*Myracrodruon urundeuva*), foto de Frederico Neves, 2006 + ramo de aroeira (*Flora Brasiliensis*).
- **Pág. 16**: "Barriguda", Embaré em tupi-guarani (*Cavanillesia arborea*, pertence à família das Malváceas). Foto: M. M. do Espírito Santo, 2007.
- **Pág. 17**: Flora Brasiliensis: pereiro (Aspidosperma pyrifolium).
- **Pág. 18 e 19**: Desenhos a lápis de cor. Pássaro: Arapaçu-do-São-Francisco (*Xiphocolaptes falcirostris franciscanus*); aranha; mandruvá; insetos, P. Angrisano.
- **Pág. 19:** Besouro rola-bosta (*Diabroctis mirabilis*). Foto de Lucas Souza Cordeiro, 2012.
- **Pág. 20**: Mapa mundial da distribuição das florestas tropicais secas, autor: Gustavo Henrique Gomes de Oliveira, 2014, a partir de Miles et al., 2006.
- Pág. 21: Flora Brasiliensis: vassourão (Vernonia)
- **Pág. 22**: Mapa de distribuição das Matas Secas nos biomas brasileiros. Modificado de M. M. do Espírito Santo e colaboradores (2009).
- **Pág. 23**: Mata ciliar em área de Matas Secas. Nota-se que uma parte das árvores começam a perder suas folhas. Foto: F. Anaya, 2009 + Exemplar da *Flora Brasiliensis*.
- **Pág. 25**: *Outdoors* da campanha Movimento SOS Norte de Minas. Fotos: M. M. do Espírito Santo, Montes Claros, 2009.
- **Pág. 26**: Canal de irrigação do projeto Jaíba; em segundo plano vê-se fornos de carvão, utilizados para queima de madeira. Foto: F. Anaya, 2009. Abaixo: plantação irrigada por pivô, Foto: M. M. do Espírito Santo, 2009.
- Pág. 27: Flora Brasiliensis: Juá (Zizyphus joazeiro).
- Pág. 28: Mulheres do Quilombo da Lapinha fiando algodão. Foto: F. Anaya, 2009.
- Pág. 29: Desenho a lápis de cor: joaninha, P. Angrisano.
- Pág. 30: Vazanteiro pescando na ilha de Pau Preto. Foto: F. Anaya, 2009.
- Pág. 31: Agricultura de vazante na ilha de Pau de Légua. Foto: F. Anaya, 2009.
- Pág. 32: Jovens vazanteiras da ilha de Jenipapo-Itacarambi. Foto: F. Anaya, 2011.

- Pág. 33: Mapa de comunidades e parques do norte de Minas. Tese de F. Anaya, 2012.
- **Pág. 34**: Articulação política entre os grupos Vazanterios em Movimento e indígenas Xacriabá. Foto: F. Anava, 2010.
- Pág. 35: Melancias plantadas em vazante do rio São Francisco. Elisa C. Araújo, 2010.
- **Pág. 36**: Vazanteiro do Quilombo da Lapinha atravessando o rio São Francisco para trabalhar na ilha da Ressaca. Foto: F. Anava, 2010.
- **Pág. 37**: Plantação de milho em ilha do rio São Francisco. Foto: F. Anaya, 2009. + *Flora Brasiliensis*: pau preto(*Schinopsis brasiliensis*).
- **Pág. 38**: Mulheres quilombolas lavando roupa no rio São Francisco enquanto crianças brincam e se banham. Foto: F. Anaya, 2010.
- **Pág. 38**: Utensílios domésticos polidos com areia do rio São Francisco, orgulho das mulheres vazanteiras. Foto: F. Anaya, 2010.
- **Pág. 40:** Criança do Quilombo da Lapinha se banhando no rio São Francisco. Foto: F. Anaya, 2010 + Desenho a lápis de cor: inseto, P. Angrisano.
- **Pág. 41**: Juazeiro no quintal de vazanteiro da ilha de Pau de Légua. Árvore utilizada como sombra para a criação dos porcos. Em frente, plantio de milho em área de vazante do rio. Foto: F. Anaya, 2009.
- **Pág. 42:** Casal do Quilombo da Lapinha com mandioca produzida na ilha da Ressaca. Foto F. Anava, 2009.
- Pág. 43: Oficina de preparação de mapas mentais do território vazanteiro de Pau Preto.
- Foto: F. Anaya, 2010 + Mapa mental do Quilombo da Lapinha, tese de F. Anaya, 2012.
- Pág. 45: Flora Brasiliensis: periquiteira (Acacia sp.).
- **Pág. 46**: Travessia de vazanteiros em lagoa marginal do rio São Francisco, em áreas de Matas Secas. Foto: F. Anaya, 2009.
- Pág. 47: Desenho a lápis de cor de uma "barriguda", P. Angrisano.
- **Pág. 48**: Quilombola desencaroçando algodão para fiar. Quilombo da Lapinha. Foto F. Anaya, 2009 + Desenho a lápis de cor de um cacto, P. Angrisano.
- Pág. 49: Barco de passageiros no rio São Francisco. Foto Elisa C. Araújo, 2011.
- **Pág. 50:** Roda de batuque no Quilombo da Lapinha. Foto: F. Anaya, 2010.
- **Pág. 51**: Batuqueiros do Quilombo da Lapinha com suas caixas. Foto: F. Anaya, 2010 + *Flora Brasiliensis*: ramo de aroeira em flor (*Myracrodruon urundeuva*).
- Pág. 52: Flora Brasiliensis: pereiro (Aspidosperma pyrifolium).
- Pág. 53: Mapa mental do território tradicional de Pau Preto. Tese de Anaya, 2012.
- **Pág. 55**: Reuniões: acima, vazanteiros de Pau de Légua e abaixo, sob umbuzeiro, Comissão Nacional de Direitos Humanos, no Quilombo da Lapinha. Foto: F. Anaya, 2009.
- **Pág. 56**: Mesa da "Articulação Rosalino" no Arraial do Meio, território de Pau Preto, com representação geraizeira, quilombola, vazanteira, indígena, apanhadores de flor sempre-viva, pescadores artesanais, entre outros. Foto: Giu Martins, 2012.
- Pág. 57: Flora Brasiliensis: bucho de boi (Zeyheria tuberculosa).
- **Pág. 58 e 59**: *Flora Brasiliensis*: Matas Secas, 1840. É possível observar tropeiros entre a vegetação.



Referências bibliográficas

ACSELRAD, Henri. Conflitos Ambientais – a atualidade do objeto. In: Conflitos Ambientais no Brasil. Fundação Heinrich Boll. Rio de Janeiro: Editora Relume Dumará, 2004. p. 8-11

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Terra de quilombo, terras indígenas, "babaçuais livre", "castanhais do povo", faixinais e fundos de pasto: terras tradicionalmente ocupadas. 2. ed. Manaus: PGSCA – UFAM, 2008.

ANAYA, Felisa. De "encurralados pelos parques" a "vazanteiros em movimento": as reivindicações territoriais das comunidades vazanteiras de Pau Preto, Pau de Légua e Quilombo da Lapinha no campo ambiental. (Tese de doutorado, 255 folhas). FAFICH-UFMG: Belo Horizonte, 2012.

ARAÚJO, Elisa Cotta. Nas margens do São Francisco: sócio-dinâmicas ambientais, expropriação territorial e afirmação étnica do Quilombo da Lapinha e dos Vazanteiros do Pau de Légua. (Dissertação de Mestrado, 252 folhas), Montes Claros, 2009.

BARBOSA, Rômulo Soares; CAMENIETZKI, Carolina Poswar. Traditionelle Gemeinschaften und territoriale Umweltkonflikte im Norden von Minas Gerais. In: Dieter Gawora. (Org.). Gesellschaftliche Verortung traditioneller Völker und Gemeinschaften. Entwicklungsperspektiven. 1ed.Kassel: Kassel University Press, 2012, v. 1, p. 77-95

BRASIL, República Federativa do. Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Lei 6.040, Brasília, 2007.

CAA-NM. Populações Tradicionais do Norte de Minas: Transformando o uso sustentável da biodiversidade em trunfo para o desenvolvimento territorial. Montes Claros: Centro de Agricultura Alternativa do Norte de Minas, 2005. Diagnóstico PICUS/FUNBIO (mimeo).

CAMENIETZKI, Carolina Poswar. Unidades de Conservação e Soberania Alimentar: uma análise da comunidade vazanteira Ilha de Pau de Légua, no entorno do Parque Estadual da Mata Seca no Norte de Minas Gerais. (Dissertação de Mestrado,148 fls). Montes Claros: Universidade Estadual de Montes Claros – Programa de pós-graduação em Desenvolvimento Social, 2011.

COSTA FILHO, Aderval. et al. Laudo de Identificação e Delimitação Territorial do Quilombo Gurutuba (norte de Minas), Brasília: UnB, 2005.

DAYRELL, Carlos Alberto. Geraizeiros y Biodiversidad en el Norte de Minas Gerais: la contribuición de la agroecologia y de la etnoecologia en los estudios de los agroecossistemas. (Dissertação de Mestrado, 192 fls). Huelva: Universidad Internacinal de Andalúcia, 1998.

DIEGUES, Antônio Carlos. A Etnoconservação da Natureza. In: DIEGUES, A. C. (Org). Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2002. p. 01-46

DUQUE-BRASIL, Reinaldo; SOLDATI, Gustavo; COELHO, France; SCHAEFER, Carlos. Etnoecologia e Uso do Território Tradicional da Comunidade de Vazanteiros de Pau Preto, Matias Cardoso, MG. Relatório Técnico Ambiental do Projeto Etnobotânica e Soberania Alimentar no Norte de Minas Gerais (CNPq/N. 559569/2010-6). Universidade Federal de Viçosa / Montes Claros, novembro de 2011.

ESPÍRITO-SANTO, Mário Marcos, et al. Sustainability of tropical dry forests: two case studies in southeastern and central Brazil. Forest Ecol. Manage. 258: 922-930. 2009.

FERNANDES, Luís.; DAYRELL, Carlos Alberto.; LUZ DE OLIVEIRA, Cláudia. & ANAYA, Felisa. 2010. Proposta de ocupação e uso dos ambientes pelos vazanteiros do Pau Preto: Novos indicativos à proposta da RDS no contexto do diálogo dos vazanteiros de Pau Preto com o Instituto Estadual de Florestas. Relatório técnico. CAA-NM, UNIMONTES, ICA-UFMG. Matias Cardoso, MG.

LOPES, José Sérgio Leite. Sobre processos de "ambientalização" dos conflitos e sobre dilemas da participação. Revista Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, v. 12, n. 25, p. 31-64, jan./jun. 2006.

LUZ DE OLIVEIRA, Cláudia. Vazanteiros do Rio São Francisco: um estudo sobre populações tradicionais e territorialidade no Norte de Minas Gerais. (Dissertação de Mestrado, 175 fls). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais / Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2005.

MARTÍNEZ ALIER, Joan. O Ecologismo dos Pobres: conflitos ambientais e linguagens de valoração. São Paulo: Contexto, 2007.

MURPHY, Peter; LUGO, Ariel. Ecology of tropical dryforest. Annual Review of Ecology and Systematics, n.17, 1986, p. 67-88

ROCHA, Adélia Alves. As Disputas Classificatórias em Torno das Matas Secas do Norte de

Minas Gerais e sua Operacionalização no Campo Jurídico. (Dissertação de Mestrado, 104 fls) Programa de pós-graduação em Desenvolvimento Social, UNIMONTES/MG. 2013.

PARAJULI, Pramod. Ecological Ethnicity in Making: developmentalist hegemonies an emergent identities in India. In: Identities. Vol. 3 (1-2), 1996, pp 15-59.

PRETTY, Jules; PIMBERT, Michel. 2000. Parques, Comunidades e Profissionais:incluindo "participação" no manejo de áreas protegidas. In: Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos (A.C. Dieques, orq). 2 ed. Hucitec, São Paulo.

ZHOURI, Andréa; BARBOSA, Rômulo; ANAYA Felisa; ARAÚJO Elisa; SANTOS, Fábio; SAMPAIO Cristina. Processos Socioambientais nas Matas Secas do Norte de Minas Gerais: políticas de conservação e os povos do lugar. In: MG Biota: Boletim Técnico Científico da Diretoria da Biodiversidade do IEF – MG, v.1, n. 2, 2008, p. 14-27



Documentos

BRASIL, República Federativa do. Constituição de 1988. Brasília, 1988.

BRASIL, República Federativa do. Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Lei 6.040, Brasília, 2007.

BRASIL, República Federativa do. Regulamenta o artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. Lei 4.887, Brasília, 2003.

BRASIL, República Federativa do. Sistema Nacional de Unidades de Conservação. Lei 9985. Brasília: 2000.

BRASIL, República Federativa do. Utilização e proteção da vegetação nativa do Bioma Mata Atlântica. Lei 11.428. Brasília, 2006.

CARTA-MANIFESTO DAS MULHERES E HOMENS VAZANTEIROS, ILHA DA INGAZEIRA, MAIO de 2006.CARTA-MANIFESTO DOS VAZANTEIROS EM MOVIMENTO: POVOS DASÁGUAS E TERRAS CRESCENTES. MATIAS CARDOSO, 24 DE JULHO DE 2011.

CARTA-PROPOSTA DOS VAZANTEIROS E VAZANTEIRA DA ILHA DE PAU DE LÉGUA: POVOS DAS ÁGUAS E DAS TERRAS CRESCENTES DO SÃO FRANCISCO, 2010.

MINAS GERAIS, Estado de. Mata Seca. Lei 17.353: Belo Horizonte, 2008.

MINAS GERAIS, Governo do Estado de. Criação do Parque Estadual da Mata Seca. Lei 41.479. Belo Horizonte. 2008.

MINAS GERAIS, Governo do Estado de. Utilização e proteção da Mata Seca. Lei 17.353. Belo Horizonte, 2008.

OIT, Organização Internacional do Trabalho. Convenção 169 sobre Povos Indígenas e Tribais. 76° Conferência Internacional do Trabalho. Genebra, 1989. Disponível em: www.cpisp.org.br/açoes.

PROPOSTA DE ASSENTAMENTO AGROEXTRATIVISTA SÃO FRANCISCO. 2007. Uma contribuição do CAA NM e CPT aos vazanteiros da Ilha da Ressaca. Matias Cardoso. (fotocopiado). PROPOSTA DE USO E OCUPAÇÃO DOS AMBIENTES PELOS VAZANTEIROS DE PAU PRETO: novos indicativos à proposta de RDS no contexto do diálogo com o IEF. Matias Cardoso, setembro de 2010. SNUC, Sistema Nacional de Unidades de Conservação: lei n° 9.985, de 18 de julho de 2000; decreto n° 4.340, de 22 agosto de 2002. 5. ed. Brasília: MMA/SBF, 2004.



Outras referências

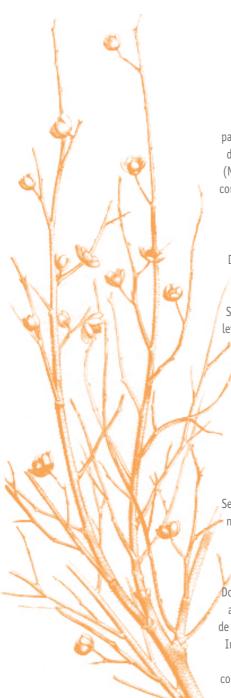
Site da Rede Matas Secas: **www.sisbiotams.wix.com** Rede criada em 2011, como parte do Sistema Nacional de Pesquisa em Biodiversidade (Sisbiota-Brasil) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). É coordenada pelo Prof. Mário Marcos do Espírito Santo, da Unimontes, em Montes Claros. É formada por pesquisadores e estudantes de diversas instituições como UFMG, UFPE, UFRRJ, UFCG e a Universidade de Alberta, no Canadá. Tem como objetivo estudar as Matas Secas brasileiras de maneira interdisciplinar, visando a conservação de sua diversidade cultural e biológica.

Site da Flora Brasiliensis: **www.florabrasiliensis.cria.org.br** Contém tratamentos taxonômicos de 22.767 espécies, reunidos em 15 volumes, com um total de 10.367 páginas. Produzida entre 1840 e 1906 por Carl Friedrich Philipp von Martius, August Wilhelm Eichler e Ignatz Urban, com a participação de 65 especialistas de vários países. Várias ilustrações belíssimas deste guia foram retirados deste acervo.

Site do Centro de Agricultura Alternativa do Norte de Minas (CAA-NM): **www.caa.org.br** O CAA é uma é uma organização da sociedade civil, sem fins lucrativos, fundada em 1989. Organiza e articula ações em torno da agroecologia, ampliando a segurança, soberania alimentar e autonomia econômica de povos e comunidades tradicionais do norte de Minas.

Site da Rede Tropi-Dry (em inglês, "Matas Secas" seria "Tropical Dry Forests"): www.tropi-dry.eas.ualberta.ca Criada em 2004, incorpora pesquisadores do Canadá, Estados Unidos, México, Costa Rica, Cuba, Venezuela e Brasil. Integra áreas diferentes do conhecimento como biologia da conservação, ecologia, sensoriamento remoto e ciências sociais, em um esforço sistemático para entender e comparar informações sobre a dinâmica das florestas tropicais secas nas Américas. O tópico unificador é o estudo da regeneração destas florestas, no contexto dos serviços do ecossistema propiciados à sociedade humana.





Sobre os autores

Daniel Coelho de Oliveira

Doutor em Sociologia pelo CPDA/UFRRJ. Professor do Departamento de Ciências Sociais da UNIMONTES, pesquisador do Núcleo Interdisciplinar de Investigação Socioambiental (NIISA) e da Rede Matas Secas. Trabalha com as temáticas: consumo, pobreza, desigualdades sociais e desenvolvimento rural.

Felisa Anaya

Doutora em Sociologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), pesquisadora do Núcleo Interdisciplinar de Investigação Socioambiental (NIISA) e da Rede Matas Secas. É professora do Departamento e Saúde Mental e Coletiva da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMON-TES). Trabalha com as temáticas: saúde mental, conflitos ambientais, movimentos de territorialização, povos e comunidades tradicionais.

Mário Marcos do Espírito Santo

Doutor em Ecologia pela Universidade Federal de Minas Gerais e bacharel em Ciências Biológicas. É professor do Departamento de Biologia da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), coordenador da Rede Matas Secas e pesquisador do CNPQ. Tem experiência de pesquisa na área de interação animal-planta, ecologia de ecossistemas e conservação de florestas tropicais secas.

Rômulo Soares Barbosa

Doutor em Sociologia. Professor do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Social da Universidade Estadual de Montes Claros. Coordenador do Núcleo Interdisciplinar de Investigação Socioambiental (NIISA), pesquisador da Rede Matas Secas e Pesquisador-bolsista da Fapemig. Trabalha com as temáticas: desenvolvimento rural, conflitos ambientais e direitos sociais no campo.